Empresas se mantêm na defensiva

ISABEL DIAS DE AGUIAR

A mudança de governo não provocou alteração na conduta das empresas. A rotina administrativa permanece a mesma — extremamente defensiva, com manutenção dos estoques reduzidos e, dentro das possibilidades, baixo endividamento. O comportamento dos governantes atuais não ajudou, até o momento, a melhorar as expectativas. As grandes empresas, especialmente as multinacionais, concentram esforços nas exportações, pois, segundo a análise de suas diretorias, não esperam crescimento do mercado interno antes do segundo semestre de 1993.

Os empresários mudaram, porém, o enfoque de suas preocupações. Antes, os investimentos, na área de consultoria e planejamento, eram aplicados na busca de ajuda para aprimorar a administração financeira. Agora procuram assessoria para a administração tributária de seu negócios, pois acreditam que o governo Itamar Franco vai trocar a política monetária pela política fiscal como instrumento de combate à inflação. Essa constatação já se reflete no setor financeiro, observou o consultor Roberto Adami Tranjan. Segundo ele, o mercado está líquido e a maioria dos bancos oferece empréstimos sem muito sucesso, porque as taxas de juros permanecem elevadas.

Israel Teixeira/AE

Antônio Ermírio
Instabilidade política e econômica atrapalha

Planejar atividades ainda continua sendo uma tarefa complicada. Se o governo vai reforçar a fiscalização e elevar a carga tributária, as empresas que não podem se refugiar no caixa 2 terão de reavaliar suas atividades, diz Tranjan. A indústria cuja produção está dirigida ao mercado consumidor tem facilidade em destinar parte das vendas ao mercado informal. As produtoras de bens intermediários, como componentes, insumos e matérias-primas, terão, entretanto, de executar cuidadoso planejamento para evitar que o lucro seja corroído pelos tributos.

Investimento protelado — O diretor-superintendente do Grupo Votorantim, Antônio Ermírio de Moraes, diz que a instabilidade política e econômica fez com a que as empresas passassem a ser administradas no dia-a-dia. Além disso, os planos de investimentos que deveriam obedecer a uma programação quinqüenal, tiveram o prazo dilatado e deverão ser aplicados em oito anos. Estão previstos investimentos da ordem de US$ 1,5 bilhão, especificamente no beneficiamento de níquel, expansão da produção de zinco e na contrução da oitava usina hidrelétrica de grupo.

A revisão no prazo de aplicação dos investimentos foi provocada pela decisão de só utilizar recursos próprios. Com os atuais níveis das taxas de juros ficou impossível buscar dinheiro nos bancos. "Voltou a vigorar a ciranda financeira", diz Ermírio.

Mercado retraído — Na Goodyear, os investimentos não foram adiados. Em 1993, deverão atingir US$ 50 milhões, 20% mais do que em 1992. Os recursos serão, porém, inteiramente dirigidos à ampliação e aprimoramento da produção, pois a indústria de pneus pretende ampliar em 35% as suas exportações, que neste ano atingiram a média de US$ 16 milhões por mês.

Para John Polhemus, presidente da Goodyear, a troca de governo no Brasil e, no início de 1993, nos Estados Unidos, não deverá mudar as expectativas na subsidiária brasileira. Polhemus acha que o mercado interno brasileiro deverá permanecer retraído nos próximos meses e os bons resultados da empresa serão garantidos com as exportações, inclusive para os EUA, onde, segundo acredita, não deverá prevalecer o protecionismo com o Partido Democrata no poder.

A continuidade da recessão preocupa o presidente da Associação Brasileira das Empresas Importadoras de Veículos Automotores (Abeiva), Emílio Julianelli. A falta de definição em relação à política fiscal do governo e a interinidade do presidente Itamar Franco causam insegurança. Segundo acredita, o País só retomará o crescimento depois de resolvidas essas questões.